

DE LEMBRANÇA EM LEMBRANÇA

JOSÉ CARDOSO PIRES

Quando ele nasceu (1900) nascia o século e andava um zeppelin no ar. Coisa mágica, aquela: uma criança acabada de abrir os olhos para o mundo e uma nave de prata a subir em céu azul.

Quem assim nasceu já se sabe que vinha marcado pelo sonho e José Gomes Ferreira nunca, pelos anos fora, deixou de hastear essa bandeira. Viveu a *belle époque* republicana das crianças do «Oh, escolas, semeai!», o livro aberto da Universidade Livre, a revolução socialista e o racionalismo dos visionários universais. Viveu igualmente o pesadelo, o lado monstruoso do século, guerras, fascismos, campos de concentração, cristandades salazaristas, maldições atômicas. Um filho preso, um amigo morto — também isso fez parte da noite dele e de tantos de nós. Censuras de ministérios corruptos, ladaínhas de resignação. Tudo isso.

Mas o balão da sua infância subia, subia sempre e os sonhos iam-se cumprindo. Ditaduras que caíam, umas atrás das outras; impérios que naufragavam, cavernosos; um Portugal sem medo e finalmente livre.

Tudo porque, como disse outro poeta, o sonho comandava a vida e fazia-se razão.

Há um retrato

Há um retrato pintado por Fred Kradolfer, 1932, que dá o José Gomes Ferreira em juventude atenta até aos últimos dias. Há outro que o vê na oficina das máscaras e dos espelhos da sua obra poética e esse foi Carlos de Oliveira que o escreveu. Há aqueles que os amigos mais dedicados guardam hoje dele — Lopes Graça, Mário Dionísio, Nelson de Matos — e que muitas vezes entrevemos numa frase ou num apontamento carregados de tempo e de ternura. E há evidentemente o grande painel da *Vida e Obra* em que Ale-

xandre Pinheiro Torres desdobrou o Poeta nas suas raízes e nas suas múltiplas imagens. Começa assim: «No ano em que o zeppelin se arriscava ao seu primeiro voo triunfal». Averbá a seguir vários triunfos da ciência e da tecnologia e termina o certificado registando que «nesse ano nascia no Porto e, muito a propósito, na rua das Musas, José Gomes Ferreira».

Difícil, muito difícil falar-se de Zé Gomes sem se falar deste livro, penso eu.



José Gomes Ferreira — retrato a óleo
de Fred Kradolfer, 1932

Certa noite, num desenho

Eu, naturalmente, também guardo a minha imagem pessoal do Zé Gomes, que vem dos primeiros encontros que tive com ele fora dos versos (no teatro de Manuela Porto e na Academia dos Amadores de Música) e que se conservou para sempre nas linhas fundamentais, apesar dos muitos reflexos com que o Eu literário dele a distanciavam ou confundiam de verso para verso.

Era, antes de mais nada, a imagem de um romântico voluntário que ironicamente se assume como tal, talvez, não sei, ainda na continuidade daquele retrato tão nocturno que o Stuart fez dele aos vinte anos. Mas agora já sem a menor sombra de dramatismo e em vez de solidão, pudor. Pudor e fidelidade natural ao mundo dos outros, qualquer coisa de príncipe republicano nascido em bairro comunal.

Depois, tudo nele se movimentava por uma preciosa acuidade em compreender o erro alheio e por uma serena verticalidade perante a mentira e o oportunismo. Simples e comovido perante os pequenos nada da existência

ou as grandes causas do destino (este Amigo Lagarto que ele saúda ao passar numa vereda, esta criança ao sol, este estandarte, este adeus de Allende) e, em contrapartida, inabalável perante os corruptos da inteligência e os torturadores do povo. Era, é, muito assim o *Zé Gomes da vida e dos livros*.

Uma noite, num jantar comemorativo de há muitos anos, alguns instalados na boa consciência arengavam arabescos enojados contra os primarismos das censuras salazaristas. Queriam um inimigo de alta competição? Queriam-no como um interlocutor para dialogar em cultura? Queriam-no, assim, ainda mais tenebroso porque mais reforçado de poder?, perguntava-me eu. Não, aquilo não tinha sentido; *Zé Gomes*, ao meu lado, limitava-se a desenhar qualquer coisa num papel.

À saída, tirou-o do bolso e ofereceu-mo: era um bicho kafkiano todo feito de picos e de articulações desirmanadas. «O Intelectual», escrevera ele por baixo do desenho, com assinatura datada.

Ainda hoje o guardo entre as páginas do *Panfleto contra a Paisagem* como mais um poema do mundo desabitado.

Viver sempre

De lembrança em lembrança ressalta-me o terrível golpe na vida de José Gomes Ferreira. O corpo do seu grande amigo estendido em câmara ardente, e ele numa resignação assustadora. Ele a olhar à volta e sem se dar conta da destruição que lhe ia por dentro.

«Viver sempre também cansa,» dir-me-ia, anos mais tarde, repetindo ao vivo o que muito antes dissera em frase de livro. Mas nessa altura já ele estava em caminho de morte e referia-se a si próprio. Como que a despedir-se.

O Eu e o Outro

Sempre que o leio, sempre que o lemos, o que seduz é o sucessivo equacionar das relações contraditórias: mito e realidade, natureza e civilização, convenção e moralidade, individualismo e comunidade. Aí, o Eu vem do Outro que nos confronta e o absurdo revela-se-nos como lógica social do quotidiano. Todo o José Gomes Ferreira é, digamos, uma demonstração de inconformidade militante perante a organização do mundo habitado e dos

seus símbolos. Aborda-o servindo-se de máscaras próprias (como autor-actor) para denunciar as máscaras culturais com que o cidadão se situa em relação a si próprio e aos outros, e, ao cair do pano, último verso, já se sabe: é ele, Homem que deixa cair o disfarce de personagem poética e põe à vista os trunfos viciados do jogo da vida.

Jogo, sem dúvida. Encenação. A poesia e a crónica de José Gomes Ferreira são deliberadamente construídas assim, penso eu. Mas o que mais me importa é que essa denegação do aparente e do organizado resulta duma praxis antidemagógica de confrontação: bem no fundo, o obstinado horror à demagogia é o sentimento que lhe impulsiona a escrita.

Na verdade, ele tanto interroga o óbvio e o lugar-comum como o conceito excomungado, como a alegria duma revelação. Cada texto seu é um «panfleto contra a paisagem». Daí que se tenha chamado a si mesmo, e por extenso, poeta militante; e, vendo bem, que é a poesia senão uma íntima e pessoalíssima corrosão das sintaxes que nos organizam na vida e na expressão? Como homem e como voz sabemos de que lado sempre esteve e no entanto ouviamo-lo perguntar-se a meio do verso: «Que sei eu do povo?».

Uma frontalidade assim, um desafio ao próprio como este, é acima de tudo uma chamada de consciência à demagogia literária e política circundante. E, se interrogar-se nos outros e aos outros em si é sair do «*mondo desabitado*», então foi essa a trajectória que conduziu José Gomes Ferreira ao «*mondo dos outros*» e o fez militante do povo.

Electric Cinema

Também não esqueço que ele foi pioneiro do cinema português, nos anos trinta (com Keil do Amaral, Bernardo Marques e Carlos Botelho). *Aldeia da Roupa Branca*, o argumento do filme era dele e tinha aquela saudável réplica ao «western» da corrida das carroças das lavadeiras em pleno Texas saloio.

Mas nessa altura começava por cá o império da mediocridade serventuária encabeçada por Lopes Ribeiro, e José Gomes Ferreira fechou a experiência com uma cruz. Chianca de Garcia, o realizador, também. Fui encontrá-lo um dia em Copacabana a cumprir o seu longo e modesto exílio voluntário, acompanhado, sempre acompanhado, dos livros e das recordações do seu amigo de Lisboa.

Chianca tinha-se tornado o admirável cronista que chegava até nós através do *Diário de Lisboa*. Foi ele que me fez o mais comovido retrato do poeta-quando-jovem nessas conversas que tivemos no Rio com um oceano de tempo pelo meio.

Outro retrato, ainda

«Há entre nós ambos, menino, uma tão grande diferença de idades que pouco conservados estamos: pergunta aos da fatia de gente e comoções entre nós se eu não podia ser tua avó — É que podia.»

Isto escreveu Maria Velho da Costa (*Cravo*, 1976) numa cantiga de amigo intitulada *Zé Gomes* e a ele remetida publicamente quando o dito ia na casa dos setenta. «Eu era lá capaz de entender a seco que um penedo é de pedra num parêntesis e pô-lo de seguida a dizer coisas de alma, a ilustrar o sol,» cantou ela então, alegre como uma cotovia, ao avôzinho-irmão. «Eu era lá capaz desse operariado das rosas, dessas odes de sachó e pianíssimo.»

Assim, sim, dá gosto ouvir. Cantar um amigo enquanto vivo, sabê-lo antes do inventário e prestar-lhe homenagem e companhia, aí, sim, aí é que está o talento da amizade. Muitos o fizeram — Lopes Graça, Mário Dionísio, Nelson de Matos, Pinheiro Torres, Carlos de Oliveira. Para mim há um pouco de cada um deles no *Zé Gomes* que partiu.

A lua, finalmente

Certas figuras volantes de Chagal e certos personagens nocturnos de José Júlio, quer eu queira, quer não, lembram-me uma infinidade de versos de José Gomes Ferreira. As nuvens e a lua, dois lugares-comuns do lirismo de bilhete-postal. A lua, sobretudo, como ilustração declaradamente consagrada do sonho — algum português das letras foi mais pontualmente noctívago do que o Gomes Ferreira?

Ainda o vejo a subir a pé a Avenida da Liberdade depois dum serão de trabalho, só e lento e, se havia lua, a pensá-la. Não a mistificá-la para lá da dimensão nocturna, estou certo; não a entrevê-la dentro de si como espectro do dia e menos ainda como anunciação da morte. Não. A lua, para José Gomes Ferreira, foi sempre: sonho de vencer a noite, ironia de desmistificar

o lirismo corrente («dâmpada de cães e de poetas magros», definiu-a ele) ou insulto ao preconceito anticientífico. Um balão de infância, talvez também; mas nesse caso já com personagens de Júlio Verne e caminho e com rotas de voo e engenhos mecânicos.

É que, como disse Alexandre Pinheiro Torres, José Gomes Ferreira nasceu sob o signo do zeppelin. Foi esse o seu despertar para a vida e para o sonho, depois o tempo lhe daria razão. Antes de morrer teria a glória de ver com os seus próprios olhos os astronautas atravessando o azul e fazerem da lua uma estação da terra, uma realidade de partida para outro sonho mais além.

Aqui, como em tantas coisas novas que o mundo trouxe, o sonho deu-lhe razão e assim foi um poeta feliz, um poeta que se cumpriu até ao último instante. Só por isso viver tanto não cansou, foi bom. Foi maravilhoso para nós tê-lo escutado e vivido.

Post scriptum à morte própria

«Quando eu morrer não compliquem o mistério» — José Gomes Ferreira, *Poesia, III*.

«Só quero a Terra, ouviram?» — José Gomes Ferreira, *Poesia IV*.